

**TRADUÇÃO COMENTADA
DO FR. 9 (K-A) DE AMÍPSIAS E DO FR. 386 (K-A) DE ÊUPOLIS**

Felipe Campos de Azevedo¹

Resumo: Este artigo propõe uma tradução do fr. 9 (K-A) de Amípsias e do fr. 386 (K-A) de Êupolis, precedida de uma breve introdução e algumas comparações com *As nuvens* de Aristófanes.

Abstract: This paper puts forward a translation for Ameipsias' fr. 9 (K-A) and Eupolis' fr. 386 (K-A) preceded by a brief introduction and some comparisons with Aristophanes' *Clouds*.

Palavras-chave: Amípsias, Êupolis, Comédia Antiga, Aristófanes, *As nuvens*

Keywords: Ameipsias, Eupolis, Old Comedy, Aristophanes, *Clouds*

Diógenes Laércio (*Vida dos filósofos ilustres*, 2.27-28) fornece a citação de um dos fragmentos identificados como pertencente a obra *Cono*², do poeta cômico Amípsias, a qual teria sido apresentada nas Grandes Dionisiacas de 423 a. C., mesmo ano da apresentação da primeira versão d'*As nuvens* de Aristófanes³. A similaridade de temas entre as obras, como a presença de Sócrates como alvo de difamação, é um dos motivos para identificarem essa passagem (fr. 9 K-A)⁴ como sendo da obra de 423 a. C., que inclusive ficou à frente de Aristófanes no concurso dramático daquele ano, mas atrás de Cratino, que venceu com sua obra *A garrafa de vinho*⁵. A presença de Sócrates como personagem em duas peças no mesmo concurso impõe a pergunta do motivo de sua evidência na época, talvez devido a sua participação na batalha de Délio um ano antes, em 424 a. C. (cf. Storey, 2011, p. 77); já outros procuraram no episódio do Oráculo de Delfos o motivo da fama recente de Sócrates, o que explicaria a presença de Querefonte como seu companheiro n'*As nuvens*, o qual também é satirizado em uma comédia de Cratino (fr. 215 K-A) (Konstan, 2011, p. 88). Mas, apesar do ano preciso da apresentação dessa peça e do motivo de levar Sócrates ao palco, chama atenção a forma como ele é caracterizado, não só em comparação a Aristófanes, mas também a outros poetas cômicos,

¹ Bacharel em Língua e Literatura Grega pela Universidade de São Paulo.

² O título da obra é uma referência ao músico Cono, famoso por ter sido o professor de música de Sócrates (Plat. *Eut.* 272c; *Menex.* 236a). O uso de professores de música como um personagem usual da comédia antiga pode ser visto também em Platão (fr. 207), o poeta cômico, não o filósofo, com a presença de Dámon, professor de Péricles. Sem nenhuma relação com o significado chulo do termo *cono* em português, embora a comédia antiga seja afeita ao humor escatológico.

³ Sobre a diferença entre primeira e a segunda versão d'*As nuvens*, a qual possuímos hoje, cf. Dover *Aristophanic comedy*, Berkeley: University of California, 1972. p. 101-120; cf. Kopff, E. C. "The Date of Aristophanes' Nubes II." *The American Journal of Philology* 111: 318-29, 1990.

⁴ A abreviação K-A se refere à edição mais recente dos fragmentos da comédia antiga, de Kassel e Austin, *Poetae comici graeci*, também abreviado por PCG (ver Bibliografia).

⁵ Cf. Storey, I. C. (Ed.). *Fragments of old comedy – Alcaeus to Diocles, Vol. I*. Translated by Ian C. Storey. Cambridge/MA: Harvard University Press, 2011, p. 69.

como Êupólis (fr. 386 K-A). É importante ter em vista também a menção que Platão faz na *Apologia* (19c) aos poetas cômicos como importantes detratores de Sócrates, devido a sua visibilidade junto à população; nessa passagem Aristófanes é o único nomeado, mas é certo que a referência não era exclusiva a ele, o que se pode depreender destes fragmentos traduzidos a seguir⁶, como o fr. 9 (K-A) abaixo, de Amípsias:

Σώκρατες ἀνδρῶν βέλτιστ' ὀλίγων, πολλῶν δὲ ματαιόταθ', ἦκεις
καὶ σὺ πρὸς ἡμᾶς; καρτερικός γ' εἶ. πόθεν ἄν σοι χλαῖνα γένοιτο;
τουτὶ τὸ κακὸν τῶν σκυτοτόμων κατ' ἐπήρειαν γεγένηται.
οὔτος μέντοι πεινῶν οὔτως οὐπόποτ' ἔτλη κολακεῦσαι.

Sócrates, o melhor dentre poucos homens, e o mais tolo dentre muitos, vens tu também até nós? Ao menos és paciente. Onde tu arranjarias um manto? Este mau hábito é um insulto para os sapateiros. No entanto, mesmo passando fome, ele jamais suportou ser um bajulador.⁷

Chama a atenção a princípio, neste fragmento, a frase de efeito com que é descrito o filósofo, “o melhor dentre poucos homens, e o mais tolo dentre muitos”, o que talvez quisesse significar, em uma paráfrase, algo como: o melhor dentre aqueles que compartilham o seu interesse, e o mais tolo entre os homens em geral. Essa definição ridicularizante será o tom da apresentação da figura do filósofo na comédia antiga, o que vale não apenas para Sócrates, mas outros intelectuais da época⁸. Entre muitas outras semelhanças identificáveis na figura de Sócrates neste fragmento de Amípsias e n’*As nuvens* está a descrição física, com sua peculiar vestimenta. A menção aos sapateiros (σκυτοτόμων) no terceiro verso é uma referência indireta ao fato de Sócrates andar descalço - como se isso fosse um insulto (ἐπήρειαν) aos mestres daquela confecção -, o mesmo hábito que encontramos também em Platão (*Fed.* 229a, *Banq.* 174a, 220b), Xenofonte (*Mem.* i.6.2), e Aristófanes (*Nuv.* 175-179). Outro aspecto da aparência de Sócrates que se soma à falta de calçados é o seu manto, ou melhor, a falta de um decente, com a menção ao lugar onde (πόθεν) ele conseguiria um manto de lã (χλαῖνα) – o significado dessa asserção talvez não fosse a noção de lugar onde conseguir isso, mas algo como: porque você não ganha algum dinheiro e compra uma roupa decente? (cf. Olson, 2007, p. 237). Diógenes Laércio comenta, ao citar esse fragmento, que o personagem de Sócrates estaria vestido com um manto mais humilde, chamado de τρίβων, com o qual ele é descrito também em outras obras (cf. *Pl. Prot.* 335d; *Banq.* 219b).

Para além da descrição do aspecto físico do filósofo, encontramos neste trecho uma menção a suas qualidades morais, já que, embora ele passasse fome (πεινῶν), nunca se submeteu ser um bajulador (κολακεῦσαι)⁹ – o fato de não ter o considerado suficiente para comer também já lhe é característico em outros contextos (cf. *Arist. Nuv.* 175-79; *Xen. Mem.* i.3. 5-7). O termo κόλαξ, presente no verbo (κολακεῦσαι), que pode ser

⁶ Cf. Konstan, D. “Socrates in Aristophanes’ *Clouds*”. In: Donald R. Morrison (Ed.). *The Cambridge Companion to Socrates*. New York: Cambridge University Press, 2011, p. 76.

⁷ A métrica dessa passagem é um tetrâmetro anapéstico catalético, traduzido em versos livres, procurando manter mais o sentido de cada termo do que a sonoridade e a estrutura métrica.

⁸ Olson (2007: 227-255) faz uma compilação destes intelectuais citados em obras cômicas, dentre os quais estão, além de Sócrates, Pitágoras (Aristofonte fr. 12), Platão (cf. Epícrates fr. 10), entre outros; isso sem falar de Eurípides e outros poetas, com referências espalhadas por toda a obra aristofânica, e que poderiam ser colocados neste mesmo grupo de intelectuais. Cf. Olson, D. (Ed.). *Broken Laughter: Selected fragments of Greek Comedy*. New York: OUP, 2007, 227-255.

⁹ Ou, pior ainda, não teria ao menos conseguido (ou *suportado*, segundo uma das acepções do verbo ἔτλη) ser um adulator, o que explica o fato de passar fome e aumenta ainda mais a desqualificação do filósofo.

traduzido por como adulator, bajulador, ou ainda parasita, também diz muito sobre a figura do intelectual na comédia, contando inclusive com uma obra de Êupolis intitulada *Os parasitas*. A peça traz a uma série de figuras famosas na época, tratadas como parasitas (κόλακες), tal qual Protágoras, mas é sugerida também a presença de Alcibíades e Sócrates na obra¹⁰. *Os parasitas* teria servido a Platão para compor a ambientação do seu diálogo *Protágoras*, passado no mesmo cenário desta peça de Êupolis: a casa de Cálias, conhecido por ser o anfitrião dos sofistas em Atenas, devido a serem na sua maioria estrangeiros¹¹. Assim o termo κολακεῦσαι (ser um bajulador) congrega uma grande parte da tradição da comédia antiga que identificava estes intelectuais como aproveitadores.

Outro testemunho que ilumina a leitura desse trecho é dado por Ateneu (218c) sobre o coro de *Cono*, que seria composto por pensadores (φροντισταί). De imediato pode-se facilmente lembrar também da obra de Aristófanes, com sua paródia das práticas desta nova casta de intelectuais, dedicados ao estudo da astronomia, da matemática, da retórica e que é estendido nesta comédia de Amípsias também à música, como lembra o próprio título da obra. Esses intelectuais parodiados nas comédias cobrem uma vasta gama de conhecimentos, mas o termo com que são chamados, φροντισταί, remete imediatamente ao nome da escola de Sócrates, o pensatório (φροντιστήριον), formado a partir deste mesmo radical (φροντ-) que aparece em Ateneu para qualificar o coro de *Cono*. A importância desse termo e seus derivados, tanto em verbos (como φρόντιζω) como em substantivos (como φροντιστήριον) é marcante n’*As nuvens*, como atesta Willi (2002)¹², se fazendo presente ainda em mais alguns compostos explicativos das atividades dessa escola, como: μεριμνοφροντισταί (v. 101, “pensadores reflexivos”), φρόντισμα (v. 155, “pensamento”, “invenção”), μεταφροντίζετε (v. 215, “ponderar”, “refletir”), entre outros.

Quanto à linguagem empregada em ambos os autores cômicos note-se ainda mais uma similaridade, não específica da figura de Sócrates, mas quanto ao ambiente histórico em que se insere a comédia, fazendo uso contínuo de inovações linguísticas que estavam em uso na época¹³. Nesse sentido o termo utilizado por Amípsias no segundo verso desse fragmento, καρτερικός, para descrever Sócrates como alguém perseverante, insistente, paciente, denota uma formação de adjetivos muito em voga, com o uso do sufixo -ικός. O uso deste sufixo chama a atenção também em outras comédias de Aristófanes, sobretudo em *As vespas*, devido ao contexto judiciário da peça, na qual aparecem inúmeras formas de adjetivos com essa sufixação: ξυμποτικός (v. 1209 “simposiástico”), ξυνουσιαστικός (v. 1209 “sociável”), μουσικός (v. 1244 “culto”), entre outros; o uso destas formas é feito principalmente por Bdelicléon, filho do velho Filocléon, mostrando o conflito linguístico de gerações. Embora menos usual que n’*As vespas*, podemos ver

¹⁰ Cf. Storey (2011, p. 132-147).

¹¹ Juntamente com *Os parasitas*, de Êupolis, *As nuvens* de Aristófanes teria servido como modelo para a composição do diálogo platônico, feito talvez como uma resposta à representação cômica de Sócrates, mostrando como estas características atribuídas aos filósofos seriam mais corretamente aplicadas aos sofistas, como Protágoras, ou ainda Pródico e Hípias, também presentes na casa de Cálias no diálogo. Um estudo detido a este respeito pode ser encontrado em Capra, Andrea. *Agon logon: il Protagora di Platone tra eristica e commedia*. Milano: LED, 2001.

¹² No total são 31 ocorrências desse radical φροντ- n’ *As nuvens*, contra 28 ocorrências em todas as demais comédias de Aristófanes. Além disso, nesta comédia o sentido de “pensar” é preponderante para a tradução de φρόντιζω, diferentemente das demais obras de Aristófanes, em que prepondera o sentido de “preocupar-se”, algo significativo para a leitura da obra. cf. Willi, A. *The languages of Aristophanes – Aspects of Linguistic variation in Classical Attic Greek*. Oxford: OUP, 2003, pp.105-106.

¹³ Sobre a possibilidade de se aplicar o termo retórica ao se referir a obras desta época, anterior a solidificação desta área, e da criação do termo, cf. Hubbard, Thomas K. “Attic Comedy and the Development of Theoretical Rhetoric”. In: *A companion to Greek rhetoric* (Ed. Ian Worthington). Oxford: Blackwell Publishing, 2007, p. 490.

n'As *nuvens* alguns usos destes sufixos, seguindo agora não o critério de velho/novo, mas o critério de educado/ignorante: enquanto Sócrates usa destas formas que estavam em voga, como ἀποστερητικός (v. 728 “trapaceiro”), o simplório Estrepsiades responde com uma forma mais conservadora do mesmo adjetivo: ἀποστερητρίδα (v. 730), com mesmo sentido, mas formado com o sufixo –τρις (ἀποστερητρίς), mais tradicional que a forma –ικός¹⁴. Portanto, a comédia não parodiava apenas o aspecto físico de Sócrates e demais intelectuais, nem só a matéria de que tratavam, mas também a linguagem por eles utilizada. Inúmeros outros exemplos de inovação linguística podem ser encontrados nas comédias desse período, mas como o escopo desse artigo são apenas estes dois fragmentos, nos detemos brevemente nestes poucos exemplos.

O outro fragmento que se propôs traduzir é de Êupolis (fr. 386 Kassel-Austin), de peça desconhecida, que talvez pertencesse a obra *Os adúladores*, devido à proximidade temática, mas mais incerta que a atribuição do fr. 9 de Amípsias à peça *Cono*. Este trecho é encontrado em Asclépio (*Sobre a Metafísica de Aristóteles*, CAG Vi 2, 125.21), e também traz uma importante fonte de informação sobre a figura cômica de Sócrates:

μισῶ δὲ καὶ τὸν Σωκράτην,
τὸν πτωχὸν ἀδολέσχην,
ὃς τᾶλλα μὲν πεφρόντικεν,
ὀπόθεν δὲ καταφαγεῖν ἔχει
τούτου κατημέληκεν.

Eu também odeio Sócrates,
aquele mendigo tagarela,
o qual pensa sobre todas as coisas,
mas sobre onde arranjar o que comer,
isso ele negligencia.¹⁵

Neste fragmento, mais uma vez, aparece uma imagem de Sócrates como alguém pobre, uma espécie de mendigo (πτωχὸν) tagarela (ἀδολέσχην), que em vez de arranjar o que comer (καταφαγεῖν ἔχει) se preocupa apenas em pensar (πεφρόντικεν) sobre coisas inúteis. No plano mais amplo fica explícita a visão que os poetas cômicos tinham de Sócrates, como um pobre tagarela e faminto, mas ao atentar aos termos específicos que são usados para se referir a ele podemos encontrar algumas semelhanças. À primeira vista nos confrontamos de novo com um derivado do radical φροντ-, aqui o verbo πεφρόντικεν, no perfeito, novamente denotando o apreço do filósofo pelas atividades da mente, e a sua atitude oposta com as questões do corpo, como sua alimentação, a qual ele negligencia (κατημέληκεν)¹⁶ – o que coaduna, neste caso, com a visão platônica, com a hierarquia estabelecida nos diálogos entre mente/alma e corpo, e com elogio da pobreza por parte

¹⁴ Cf. Willi (2003, pp. 139-145).

¹⁵ Quanto a métrica deste fragmento, Olson (2007, p. 234) comenta que estes versos podem ser lidos como dímteros jâmbicos, sendo o 2º e o 5º cataléticos, disposição adotada por ele e a qual seguimos aqui; ou ainda, podem ser analisados como dois tetrâmetros jâmbicos cataléticos, separados por um dímtero jâmbico (cf. fr. 10 Meineke, A. *Fragmenta comicorum Graecorum*, vol. 2.1. Berlin: Reimer, 1839; e fr.352 Kock, T. *Comicorum Atticorum fragmenta*, vol. 1. Leipzig: Teubner, 1880.), o que mudaria a disposição que adotamos. Segundo Storey (2011, p. 255) o uso de dímteros jâmbicos é usado usualmente em parâbases, entre episódios e em párodos (cf. *Acarn.* 836-59; *Rãs*, 417-419).

¹⁶ O uso do perfeito é também uma marca linguística importante, que teria, em oposição ao aoristo, a noção de tipicalização; o que parece ser o caso dessa passagem, já que tanto πεφρόντικεν quanto κατημέληκεν, parecem se referir a atitudes habituais de Sócrates, como “pensar”, sobre coisas inúteis, e “negligenciar”, as necessidades mais prementes. Para este uso do perfeito em Aristófanes cf. Willi (2003, pp. 126-136).

do filósofo. Mas além deste verbo, encontramos outro termo que diz muito a respeito de como Sócrates é visto especialmente pela comédia, e nesse caso de forma oposta pela filosofia: o adjetivo ἀδολέσχην. Essa característica de Sócrates, que remete a sua tagarelice (ἀδολεσχία), é referida também por Aristófanis n' *As nuvens* (1480, 1485). Em uma dessas passagens, Estrepsíades diz que ele teria “enlouquecido com a tagarelice” (παρανοήσαντος ἀδολεσχία), a saber, a de Sócrates e seus discípulos. Já em outro passo o mesmo personagem se propõe a “rôr fogo na casa dos tagarelas” (ἐμπιμπράναι τὴν οἰκίαν τῶν ἀδολεσχῶν), ou seja, no pensatório.

Por estas duas passagens podemos ver uma imagem negativa do filósofo como alguém preocupado em pensar (πεφρόντικεν) questões abstratas, mas que se esquece das necessidades mais básicas do ser humano, como conseguir o que comer (ὀπόθεν δὲ καταφαγεῖν ἔχοι). Nesse sentido a comparação feita de Sócrates com Tales n' *As nuvens* também vem a calhar, lembrando a passagem citada por Platão no *Teeteto* (174a-b), na qual o sábio de Mileto caiu em um buraco quando, olhando para o céu, examinava os astros. Em Aristófanis o que ocorre é algo um pouco mais escatológico, já que quando Sócrates examinava os astros, com a boca aberta, uma lagartixa defeca na sua boca (*Nuv.* v. 171-73) – o trazendo de volta aos aspectos mais materiais e mundanos. Essa característica de Sócrates é, no entanto, diretamente rebatida por Platão (*Fed.* 70b-c), quando ele diz que “nem mesmo um poeta cômico diria agora que eu estou tagarelado (ἀδολεσχῶν) e falando de coisas que não me dizem respeito”. Os próprios escoliastas e comentadores antigos notam essa referência direta de Platão, pelo uso do verbo ἀδολεσχεῖν, o que inclusive fez com que esse fragmento de Êupolis sobreviesse, através do comentário de Asclépio, *Sobre a Metafísica de Aristóteles*, e também o de Olimpíodoro, *Sobre o Fedon de Platão*, e o de Próclo, *Sobre o Parmênides de Platão*¹⁷. Nota-se então que a crítica feita à comédia na *Apologia* (19c) não se dirigia unicamente a Aristófanis, embora ele tenha sido o único nomeado naquele momento.

Uma síntese que pode ser feita destes dois fragmentos, em comparação a algumas obras mais conhecidas que tem Sócrates como seu personagem principal, é que eles reforçam o aspecto físico do filósofo já difundido nas outras, com a menção ao seu hábito de andar descalço, malvestido, e passar fome. Já quanto ao aspecto interno da personagem podemos ver uma assimilação dele com outros intelectuais da época, interessados em questões da natureza, da matemática, da música e da linguagem retórica – embora essas características internas sejam menos claras do que as físicas nos fragmentos aqui traduzidos, sendo aludido de forma mais genérica pelo fato de que ele “pensa sobre todas as coisas” (τᾶλλα μὲν πεφρόντικεν), as quais temos conhecimento de quais são de fato n' *As nuvens* de Aristófanis. Trata-se então de uma visão recorrente, proveniente de mais de uma fonte, de alguns traços distintivos do filósofo, o que talvez sugira o nascimento de um tipo cômico a partir da caricatura de um indivíduo particular – o que é uma marca genérica importante da comédia antiga.

Referências:

- Austin, C. *Comicorum Graecorum Fragmenta in Papyris Reperta*, Berlin: Walter de Gruyter, 1973.

¹⁷ Cf. Olson (2007, p. 234).

- Baracat Junior, José Carlos (Org.). “Aristófanes: As nuvens”. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, nº 32, jan-jun, 2013, p. 1-98.
- Capra, Andrea. *Agon logon: il Protagonista di Platone tra eristica e commedia*. Milano: LED, 2001.
- Dover, K. J. (Ed.) *Aristophanes' Clouds*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- _____. *Aristophanic comedy*, Berkeley: University of California, 1972. p. 101-120.
- Duarte, Adriane da Silva. “Sócrates, Mestre de Retórica”. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia – USP*. São Paulo, Nº 14, 2004.
- Heath, M. “Aristophanes and His Rivals”. *Greece & Rome*, Vol. 37, No. 2 (Oct., 1990), pp. 143-158.
- Hubbard, Thomas K. “Attic Comedy and the Development of Theoretical Rhetoric”. In: *A companion to Greek rhetoric* (Ed. Ian Worthington). Oxford: Blackwell Publishing, 2007.
- Kassel, R. - Austin, C. (Ed.). *Poetae comici graeci (Band 5: Damoxenus - Magnes)*. Berlin: Walter de Gruyter, 1986.
- _____. *Poetae comici graeci (Band 2: Agathenor – Aristonymus)*. Berlin: Walter de Gruyter, 1991.
- Kock, T. *Comicorum Atticorum fragmenta, vol. 1*. Leipzig: Teubner, 1880.
- Konstan, D. “Socrates in Aristophanes' Clouds”. In: Donald R. Morrison (Ed.). *The Cambridge Companion to Socrates*. New York: Cambridge University Press, 2011.
- Kopff, E. C. "The Date of Aristophanes' Nubes II." *The American Journal of Philology* 111: 318-29, 1990.
- Meineke, A. *Fragmenta comicorum Graecorum, vol. 2.1*. Berlin: Reimer, 1839.
- Murphy, C. T. “Aristophanes and the Art of Rhetoric”. *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 49 (1938), pp. 69-113.
- Olson, D (Ed.). *Broken Laughter: Selected fragments of Greek Comedy*. New York: OUP, 2007, 227-255.
- Sommerstein, A. H (Ed.). *The comedies of Aristophanes vol. III: Clouds*. Ed. with Translation and Notes. Warminster: Aris & Phillips Ltd., 1982.
- Storey, I. C. (Ed.). *Fragments of old comedy – Alcaeus to Diocles, Vol. I*. Translated by Ian C. Storey. Cambridge/MA: Harvard University Press, 2011.
- _____ (Ed.). *Fragments of old comedy – Diopieithes to Pherecrates, Vol. II*. Translated by Ian C. Storey. Cambridge/MA: Harvard University Press, 2011.
- _____. *Eupolis: Poet of Old Comedy*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- Willi. *The languages of Aristophanes – Aspects of Linguistic variation in Classical Attic Greek*. Oxford: OUP, 2003, p. 96-156.
- _____ (Ed.). *The language of Greek comedy*. Oxford: OUP, 2002.